SUGESTÕES PARA INVESTIMENTO DIRETO

| POR XINJIAN CUI E ZIXIN LIU

Há grande potencial para empresas brasileiras investirem na China, desde que considerem as vantagens competitivas dos dois países e questões de regulação, cultura, diferenças regionais e incentivos econômicos.

A China vem melhorando continuamente sua atratividade para investimentos diretos internacionais (confira no gráfico). No *ranking* de competitividade global do Banco Mundial, a classificação do país cresce a cada ano. A China subiu do 84º para o 31º lugar em facilidade de fazer negócios de 2016 a 2020 (veja o quadro com alguns indicadores). Mesmo no ano passado, com a pandemia, enquanto o investimento estrangeiro direto (IED) global sofreu queda de 42% em relação a 2019, o destinado à China aumentou 4%, para 163 bilhões de dólares. Esse montante representa 19% dos valores movimentados globalmente, e, assim, o país ultrapassou os Estados Unidos como o maior destinatário de IED no mundo.

Com esse crescimento, a China tem grande potencial para atrair IED do Brasil. A economia chinesa continua com crescimento acima da média mundial, o mercado consumidor é imenso e os negócios são cada vez mais aprimorados. O investimento brasileiro na China começou em 1973, no entanto seu valor e proporção diminuíram nos últimos cinco anos. Em comparação com 2019, o IED do Brasil na China caiu pela metade em 2020. Foi uma redução em relação a um parâmetro que já estava baixo. Em 2019, empresas do

Brasil investiram diretamente no exterior US\$ 16 bilhões, o que significa que o país ocupou a 20ª posição global em IED, mas, como fonte de investimento direto na China, o Brasil ficou apenas no 59º lugar, respondendo por menos de 0,5% do total.

SUGESTÕES

O IED brasileiro na China pode ajudar a alcançar uma situação vantajosa para ambas as economias. O Brasil é rico em recursos naturais e o desenvolvimento da China precisa de matéria-prima e de técnicas de processamento brasileiras. Enquanto isso, a China possui forte capacidade de manufatura e baixos preços de produtos, ajudando as empresas brasileiras a reduzir custos, promover a competitividade dos produtos e expandir as margens de lucro. Brasil e China são as maiores economias da América Latina e da Ásia, respectivamente. Contanto que aproveite as vantagens de suas empresas e faça uso do enorme mercado industrial e de consumo da China, o Brasil pode abrir novos horizontes com seus investimentos e alcançar uma situação ganha-ganha.

Cinco sugestões podem ajudar o país a trilhar esse caminho. A primeira é buscar oportunidades trazidas pelo crescimento econômico chinês. O produto interno bruto (PIB)

ENTRADA DE INVESTIMENTO DIRETO NA CHINA

FONTE: UNCTAD, FDI DATABASE.

O Brasil ocupou o 20º lugar entre os países que mais investem diretamente no exterior em 2019. No entanto, como fonte de investimento direto na China, ficou no 59º lugar. Há muito espaço para crescer de posição.

per capita da China aumenta a cada ano e o padrão de vida dos residentes melhora constantemente. O mercado consumidor chinês tem escala e atratividade, com vendas totais no varejo de bens de consumo de 5,7 trilhões de dólares em 2020, impulsionando a demanda por produtos agrícolas brasileiros como soja, cana-de-açúcar, milho e carne. O desenvolvimento da indústria de manufatura também aumenta a procura de negócios chineses por matéria-prima brasileira e pelo processamento de energia e recursos minerais. Como exemplo, a empresa de óleo e gás Sinopec assinou um contrato com a Petrobras em 2009 para importar de três a cinco milhões de toneladas de petróleo bruto somente naquele ano.

A segunda sugestão é concentrar esforços em setores industriais incentivados pelo governo chinês. Em 2020, o governo da China reduziu medidas restritivas vigentes no país, aumentando o nível de abertura nos setores de serviços, manufatura e agrícola, abolindo a restrição à participação estrangeira no setor financeiro e removendo a

proibição de IED na fundição, no processamento e na produção de combustível nuclear. Também em 2020, o Catalogue of Industries for Encouraging Foreign Investment (CIEFI) colocou a indústria manufatureira como uma direção crítica para o IED e expandiu o escopo dos incentivos aos investimentos na agricultura, silvicultura, pecuária, pesca, mineração e manufatura. As indústrias qualificadas podem desfrutar isenção tarifária sobre equipamentos que necessitem importar para suas operações. Além disso, de acordo com o CIEFI, há incentivos para IED em indústrias competitivas nas regiões central e oeste do país, de forma a promover o desenvolvimento coordenado regional. Por exemplo, a JBS tem como sua parceira mais importante a processadora de carnes Heilongjiang Dazhuangyuan Meat Industry, localizada na província central de Heilongjiang. Indústrias incentivadas na região oeste da China que recebem aporte externo de capital podem desfrutar imposto de renda corporativo à taxa reduzida de 15%.

ALGUNS INDICADORES DE COMPETITIVIDADE DA CHINA

FONTE: RANKING DE COMPETITIVIDADE DO BANCO MUNDIAL

A China oferece incentivos para empresas estrangeiras investirem nas regiões central e oeste do país, que possuem vocação para agronegócio, mineração e energia – setores em que o Brasil tem vantagens competitivas.

A terceira sugestão é fazer uso da vantagem da vocação regional dos negócios na China. A região costeira ao leste tem vantagens óbvias em desenvolvimento econômico, ciência e tecnologia, transporte, infraestrutura, agronegócio, indústria leve e negócios intensivos em tecnologia e serviços. O Brasil pode combinar suas vantagens nos setores agrícola, têxtil, automotivo, aeroespacial, de papel e celulose, de energia renovável e de serviços investindo no leste da China. Por exemplo, o Banco do Brasil estabeleceu filial em Xangai em 2014. Além disso, 28 cidades localizadas principalmente nessa região, como Pe-

quim, Xangai, Guangzhou e Changsha, têm relações de cidades-irmãs com municípios brasileiros, o que intensifica o intercâmbio econômico e cultural e facilita os investimentos. Já as regiões central e oeste poderiam trazer mais oportunidades para o Brasil nos setores de mineração, energia e agronegócio.

A quarta sugestão é aproveitar as vantagens competitivas das empresas brasileiras. De acordo com a *monopolistic advantage theory*, conhecimento e economias de escala são fatores decisivos para o sucesso do IED. Ao investir na China, empresas brasileiras podem fazer uso de suas competências em agronegócio, mineração e energia. Por exemplo, com tecnologia avançada, a Vale do Brasil investiu em uma usina de pelletização em Zhuhai, na China, em 2008. Também pequenas e médias empresas brasileiras de setores competitivos poderiam expandir sua escala de mercado por meio do IED na China, reduzindo custos de produção e melhorando seu posicionamento de mercado.

A quinta e última sugestão é prestar atenção nas diferenças culturais entre os dois países e conduzir os negócios de acordo com os costumes locais. As empresas brasileiras devem estar familiarizadas com o sistema jurídico chinês e com o importante papel desempenhado pelo governo no planejamento e na regulamentação econômicos. Estabele-

VITRINE PARA OS NEGÓCIOS

POR CHEN WEIHUA E CHEN ZIYE

A Feira de Exposição Internacional de Importação da China pode ser um trampolim para empresas brasileiras entrarem no mercado chinês.

O investimento direto de empresas brasileiras no mercado chinês ainda é tímido. Segundo dados da InvestSP, a presença do Brasil no país asiático representou menos de 0,1% do investimento externo direto total atraído pela China nos últimos 19 anos. Uma forma de expandir a participação são as feiras de importação, principalmente a Exposição Internacional de Importação da China (China International Import Expo, CIIE).

O governo chinês criou a CIIE em 2018, com o objetivo de aumentar o volume de mercadorias importadas e, assim, suprir as necessidades de consumo da população. Nas três primeiras edições, cerca de 1,3 milhão de compradores chineses participaram. De acordo com o China International Import Expo Bureau, o volume de negócios fechados vem crescendo: US\$ 57,83 bilhões no ano inaugural; US\$ 71,13 bilhões no segundo ano; US\$ 72,62 bilhões no terceiro ano.

O Brasil foi um dos 12 países convidados para a CIIE inaugural, em 2018. Participaram 87 empresas brasileiras, que expuseram desde produtos alimentícios, como pão de queijo, cachaça e café fino, até sapatos femininos, além de serviços como o de tecnologia educacional. Como resultado, destaca-se o grupo JBS, que assinou acordos de cooperação com empresas chinesas de alimentos, como o Food Union e o Grand Farm, além de um memorando de três anos de US\$ 1,5 bilhão para vender carne a empresas do Alibaba Group.

Na segunda Expo, em 2019, a JBS expandiu a área de exposição de 100 para 150 metros quadrados. Outra gigante brasileira, a Vale, lançou uma zona de experiência em realidade virtual, na qual os visitantes eram convidados a usar óculos para vivenciar a cadeia global de fornecimento de minério de ferro da empresa. Mesmo em 2020, com a pandemia da Covid-19 restringindo as viagens, a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) organizou mais de 20 empresas para participar da terceira Expo.

A 4ª CIIE será realizada em Xangai, de 5 a 10 de novembro de 2021. Até agora, centenas de empresas já se inscreveram e assinaram acordos para participar do evento.

Participar da CIIE e enfrentar diretamente os compradores finais chineses tem o potencial de elevar o perfil das empresas brasileiras na China. É uma oportunidade para as organizações do Brasil terem contato com parceiros comerciais, com sinergias de negócios em toda a cadeia de valor, a montante e a jusante – e de efetivamente assinarem novos contratos. Também há a possibilidade de encontrar profissionais especializados nas áreas de interesse e de conhecer, com mais profundidade, o comportamento do consumidor chinês.

CHEN WEIHUA > Diretor da Agência de notícias Xinhua – Sede dos Serviços em português no Rio de Janeiro > xinhua2016@gmail.com
CHEN ZIYE > Formando na FGV EPGE, Escola Brasileira de Economia e Finanças > billchenziye1999@gmail.com

cer boas relações com o governo local é muito relevante. Além disso, vale se debruçar sobre as diferenças entre as duas economias em termos de demanda dos consumidores. Enquanto o Brasil consumiu 2,6 MWh *per capita* de eletricidade em 2018, na China esse parâmetro foi quase o dobro, 4,9 MWh *per capita*. Há que se atentar ainda às diferenças entre as áreas urbana e rural chinesas, em estrutura, escala, nível social e percepção do consumidor. Por exemplo, os moradores de áreas urbanas tinham renda média de 6.142 dólares em 2019, com gastos em consumo de 4.069 dólares, enquanto no caso dos residentes de zonas rurais a renda média era de 2.322 dólares e os gastos em consumo de 1.932 dólares. Trata-se de uma diferença significativa, que influencia diretamente nos tipos de produto, preços e canais de venda dos negócios.

CONCLUSÃO

A China traz grande potencial para investimentos diretos por parte de empresas brasileiras. O sucesso das iniciativas dependerá de uma análise minuciosa que considere as vantagens competitivas do Brasil, as oportunidades econômicas da China, os incentivos governamentais, as vocações regionais e as diferenças culturais entre os dois países. ●

PARA SABER MAIS:

- Unctad. Foreign direct investment: inward and outward flows and stock. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/wds/tableView/tableView.aspx?ReportId=96740>
- Banco Mundial. Ease of Doing Business Scores. Disponível em: <https://www.doingbusiness.org/en/data/eoib/business-score/topic>
- National Bureau of Statistics. Estatísticas da economia da China. Disponível em: <http://www.stats.gov.cn/english/>

XINJIAN CUI > Professor de International Business da Central University of Finance and Economics > xinjiancui@cufe.edu.cn
ZIXIN LIU > Pós-graduando da Escola de Negócios da Central University of Finance and Economics > 2020211291@email.cufe.edu.cn